OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 431

11 DE DEZEMBRO DE 1890

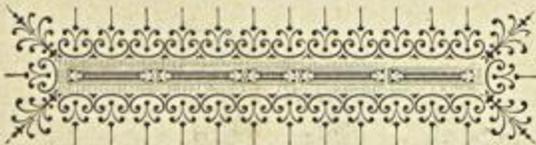
REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

TRANSPORTE «AFRICA» Vide art.º «Apontamentos sobre a Marinha de Guerra, etc.»

(Desenho de J. Pardal)

CHRONICA OCCIDENTAL

A chronica tem hoje que se occupar d'uma peça original que subiu á scena no theatro de D. Maria nos ultimos dias do mez passado, e que tem sido muito fallada e muito descutida.

Essa peça chama-se *N'guvo*, tem tres actos e é original do sr. Joaquim Miranda, um rapaz de talento de quem o theatro tem sido a paixão dominante de toda a sua carreira litteraria, que não é ainda muito longa, mas já asignalada por triumphos honradamente conquistados quer como auctor dramatico quer como critico theatral.

N'estas chronicas do OCCIDENTE tenho-me referido por mais d'uma vez ao intelligente e prestante trabalho de Joaquim Miranda, desde o apparecimento d'uma bella revista de critica theatral, que elle fundou com Collares Pereira—outro rapaz novo e intelligente como elle de quem o theatro é tambem a grande paixão—até á representação das duas peças que até agora tinha apresentado ao publico—*A culpa dos paes*, a sua estreia theatral, que tinha muitos defeitos mas que tinha tambem brilhantes qualidades que denunciavam o futuro dramaturgo, até ao *Beijo do Fausto*, uma comedia em 1 acto que teve um grande e legitimo successo no theatro de D. Maria.

Entretanto apesar d'essas suas duas peças pode dizer-se que o *N'guvo* é que é definitivamente a sua estreia em theatro.

A culpa dos Paes era um drama vaziado nos antigos moldes, não era por assim dizer uma peça, era um ensaio, um trabalho preparatorio de outros trabalhos mais importantes, um trabalho para assentar a mão: o *Beijo de Fausto*, era uma phantasia litteraria muito mais que uma peça de theatro, uma pequena successão de scenas graciosas traçadas sem a preoccupação do publico, um delicado conto dialogado em que a arte do theatro pouco ou nada tenha que ver.

O *N'guvo* é a primeira peça a valer de Joaquim de Miranda, aquella em que o auctor dramatico apparece deveras, em que o dramaturgo dá batalha ao publico.

E diga-se o que se disser da peça, faça-se-lhe a critica mais aspera que se lhe fizer, o que é incontestavel é que essa batalha foi uma victoria para Joaquim Miranda.

As apreciações mais severas, os commentarios mais espirituosos não podem desfazer os factos e o facto foi que o *N'guvo* agradou á grande massa do publico, que os effeitos que o auctor calculára deram os resultados a que elle mirára, que elle tivera em vista.

Que a peça tem defeitos tem e muitos, que a peça era perigosa, era-o e deveras, mas esses defeitos e esses perigos mais notavel tornaram ainda a importancia d'esse successo, mais em evidencia puzeram o talento do seu auctor.

Se na peça não houvesse muito talento o *N'guvo* teria cahido redondamente na primeira noite, mas cahido com um escandal-o extraordinario, e desde as primeiras scenas, desde que o assumpto da peça se colloca audazmente diante do espectador o espectador tel-a-ia assassinado, não só com pateada, mas sim com gargalhadas, com troça.

O grande perigo da peça era esse, o descambar no burlesco.

Fazer com que o publico tomasse a serio o dado da peça, acceitasse o estranho personagem que o auctor lhe apresentou, e não só o acceitasse, mas se interessasse por elle, se commovesse e o discutisse é o grande triumpho alcançado por Joaquim Miranda.

O *N'guvo* é um trabalho perigosissimo de acrobata audaz: é Blondin a atravessar o Niagara sobre um arame: o mais pequeno passo em falso era a morte certa, inevitavel.

Demais a mais, Joaquim Miranda, para mais defficil e arriscada tornar a travessia, atirou fóra a maroma: não se quiz servir das *ficelles* theatraes dos processos de *savoir faire* com que os dramaturgos mascaram as difficuldades e vencem os perigos, processos que elle como critico theatral de profissão, habituado a desfiar tanta peça, a estudar-lhes a extructura, não podia ignorar: chegou são e salvo ao seu destino:—foi este o seu verdadeiro triumpho.

Joaquim Miranda quiz *debutar* no theatro por um perigo, e foi por isso, unicamente por isso, que escolheu aquelle assumpto que o nosso meio social com certesa lhe não impunha, porque aquella questão de raça é coisa que não se debate na nossa sociedade.

Ainda ha poucos annos viveram entre nós uns pretos ricos que, mesmo sem serem filhos de regulos eram recebidos na melhor sociedade de braços abertos, sem ninguem fazer questão da sua côr.

Recentemente ainda morreu em Lisboa um preto, e esse era pobre e era poeta, e ninguem lhe regateou uma sympathia em quanto foi vivo, ninguem negou uma lagrima de saudade ao seu cadaver.

Portanto o assumpto de *N'guvo* foi escolhido muito de proposito para experimentar forças, para affrontar perigos.

Dado o assumpto, a filha do mercieiro rico, podia casar facilmente com o preto N'guvo sem escandalo de ninguem e com regosijo até dos *Boletins elegantes* dos jornaes lisboetas, mesmo sem esperar que a fallencia viesse pairar sobre a cabeça do mercieiro afidalgado, momento então esse que um preto rico, e demais a mais filho de rei, seria uma verdadeira pechincha que cania do ceu aos trambulhões no seio d'aquella familia de quem a leviandade era o norte de vida, e a ostentação a aspiração suprema.

Mas Joaquim Miranda não quiz fazer isso, quiz amontoar difficuldades sobre difficuldades, perigos sobre perigos, para mais defficil e portanto mais gloriosa tornar a sua victoria.

Elle podia ter feito a familia do mercieiro riquissima, fortuna solida, sem ameaços de quebra e fazer de *N'guvo* um preto pobre, sem ter onde cahir morto, o que tornaria muito mais verosumil a guerra da esposa do mercieiro ao casamento de sua filha com aquelle pobretão escuro: podia ter deixado o *N'guvo* ser rico mas fazel-o cahir no meio d'uma familia d'alta nobreza, toda cheia de pergaminhos e de intransigencias o que do mesmo modo tornara muito mais veresumil a opposição ao preto: podia ter preparado o 1.º acto de maneira que o amor da branca pelo preto e do preto pela branca não estalasse como uma bomba de dynamite defronte dos olhos do publico, que esse amor viesse pela christalisação e não pelo *coup de foudre*, segundo a technologia de Stendhal: podia facilmente ter evitado que o preto e o visconde dessem em espectaculo as suas descomposturas no meio d'uma sala cheia de visitas, podia... podia ter removido muita difficuldade em summa, podia ter evitado muito perigo, mas não quiz e soube á força de talento fazer acceitar pela grande massa do publico as mesmas inveromilhanças ser mesmo applaudido ruidosamente n'uma das mais graves de todas ellas, na tal scena em que o visconde e o N'guvo se descompõem na casa alheia deante de gente de fóra, como se estivessem em S. Bento, por exemplo.

O *N'guvo* não é evidentemente uma obra prima theatral, mas é uma peça em que ha muito talento, em que ha a affirmação de um dramaturgo de pulso, que conseguiu abrir caminho por uma floresta de perigos, onde muita gente se perderia irremessivelmente. E a prova mais frisante do talento de Joaquim Miranda é a sua peça com todos os defeitos não ter caido perante a indifferença do publico, ter sido applaudida por muitos, discutida por alguns, e como se sabe perfeitamente não é discutido quem quer sel-o, é preciso ter merecimentos para isso.

E é exactamente por Joaquim Miranda ter esses merecimentos, porque reconhecemos todo o alto valor do seu bello talento, que fallamos assim desassombradamente da sua peça, como se ella fosse d'um extranho para nós, e não d'um amigo querido, que muito presamos, a quem nos prendem os mais vivos laços de sympathia, de amisade e de consideração.

O *N'guvo*, em geral, foi muito bem representado, sobresaindo no desempenho Brazão, que é magistral no papel de preto, João Rosa, Cesar de Lima, Virginia e Falco.

* * *

No theatro de S. Carlos houve mais uma *première* n'estes ultimos dez dias, que não deu muito que fallar de si, nem para bem nem para mal—O *Rei de Lahore*.

Massenet, o illustre maestro francez nunca até hoje conseguiu agradar ao publico de Lisboa muito sinceramente.

Bizet, Gound, Halevy entraram definitivamente no theatro de S. Carlos. A *Carmen* e o *Fausto* figuram em primeiro logar entre as operas mais queridas do nosso publico, e a *Hebrêa* se não occupa um logar proeminente no gosto das platéas lisboetas, é ouvida sempre com agrado.

Com Massenet não tem acontecido até agora a mesma coisa. A *Herodiade* fez o effeito d'uma enorme massada musical e desappareceu logo do cartaz e do repertorio: o *Rei de Lahore* teve muito melhor sorte, graças ao merecimento notavel do grande artista que o creou em Lisboa, o barytono Devoyood, mas depois d'elle nunca teve grande *successo*.

O publico ouve-a, gosta d'um ou d'outro trecho, mas em geral fatiga-se d'aquella musica muito ruidosa, muito complicada, que nem sempre percebe muito bem.

Este anno o *Rei de Lahore* teve o seu successo habitual de *agua morna*. De mais a mais na primeira noite os artistas que o desempenharam não estavam d'uma felicidade por ahi além.

O tenor, por exemplo, o sr. Gabrielesco, que é um artista muito distincto e cuja excellente voz é das melhores de tenor que temos ultimamente ouvido, estava visivelmente incommodado, não estava nas suas noites, e depois como é muito nervoso, muito impressionavel, a commoção que se apodera d'elle sempre em noites de *premières* não o deixa brilhar como brilha quando está a sangue frio e livre de preoccupações, como tem brilhado, por exemplo, na *Aida*, em que tem todas as noites um grande successo.

O barytono Devriés, encarregado da parte mais importante da opera, estava tambem doente n'essa noite, e tão doente que depois não tem podido cantar. Ainda assim se não poude brilhar pela voz, brilhou pela arte consumada com que cantou o arioso e que lhe valeu uma ovação.

A sr.ª Buliécóff apesar da sua lindissima voz, não tem uma das suas melhores corôas n'esta opera, para a qual lhe falta a paixão, o calor dramatico.

Ercolani era o unico que estava á vontade no *Rei de Lahore* que cantou excellentemente, merecendo muitos applausos.

Mancinelle dirigiu a opera com o seu notavel talento, dando-lhe um colorido brilhante que por vezes arrancou expontaneos bravos ao publico, que chamou no fim dos dois actos o illustre maestro ao palco, fazendo-lhe ruidosa e justissima ovação.

Agora está em ultimos ensaios a *Norma*, em que Theodorini deixou tão gloriosas recordações da ultima vez que esteve em Lisboa e em que nos dizem maravilhas da sr.ª Linda Brambilla na parte de Aldegisa.

Que assim seja, para que a actual época lyrica conte mais um grande successo, para pôr ao lado da *Lucrecia* e da *Gioconda*.

Gervasio Lobato.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 418)

Canhoneira *Diu*.[1] Esta nova canhoneira com que a marinha de guerra portugueza acaba de ser augmentada, foi construida em Lisboa no arsenal de marinha.

Mede de comprimento entre perpendiculares 45 metros, de bocca 8m,40, e de pontal 5m,60.

O seu deslocomento é de 728 toneladas.

A sua machina foi construida em Inglaterra, é da força de 500 cavallos, e dá ao navio o *extraordinario* andamento de 8 milhas.

É uma machina muitissimo grande para este navio, pois para lh'a collocarem tiveram que escavacar as cavernas..... Vae sem commentarios.

Esta canhoneira foi acabada de armar fazendo a sua primeira viagem no dia 7 de novembro d'este anno em direcção a Macau.

A sua construcção é de madeira, pois em Portugal paiz *adiantado* é o que se faz. Em França, Inglaterra e America, paizes *atrazados*, estas e todas as construcções dos seus navios de guerra desde 1880, são feitas de ferro ou aço.

A nossa elegante e dourada canhoneira *Diu* (a nova douradinha) como disse é de madeira, mas tem altos relevos muito bem dourados á prôa e á ré; não sei se estes dourados teem influencia para um bom exito n'um futuro combate naval, se para servir de reclame a algum cyclorama. Vejam a ré do *Vasco da Gama* que está no cyclorama do sr. Pexe na Avenida, e digam depois se o mesmo sr. Pexe, poderia tirar tanto partido se o *Vasco da Gama* só tivesse a ré mascarrada.

[1] Vid. pag. 241 do presente vol.

Francamente Portugal precisa de bons navios, muito bem artilhados e dispensa os dourados.

Esta canhoneira tem de armamento 2 peças Krupp, de calibre 0^{m},105 e uma de 0^{m},150, um canhão revolver 0^{m},037, uma metralhadora e uma peça de tiro rapido Hotchkiss 0^{m},065.

Depois do *Vasco da Gama*, é este o navio de guerra portuguez melhor artilhado.

Transporte *Africa*. Este vapor foi construido em Inglaterra em 1875, é um bello navio com ricas camaras, parece mais um Yacht real que um transporte para tropas, ainda que tem bellos e espoçosos alojamentos.

Este navio tem de comprimento entre perpendiculares 85^{m},80, de bocca 10^{m},90 e 1:500 toneladas de deslocação.

As suas machinas desenvolvem a força de 1:100 cavallos, dando o andamento de 13 milhas por hora.

Arma com duas pequenas peças, e tem de tripulação 110 homens.

E' um dos navios da nossa marinha de guerra, que tem percorrido mais milhas maritimas.

Transporte *India*. Este navio[1] foi construido em Inglaterra em 1871, tem de comprimento entre perpendiculares 89^{m},10, de bocca 9^{m},90, e de pontal 5^{m},61. E' de 1:200 toneladas, e da força de 900 cavallos, com o andamento de 12 milhas por hora.

Na marinha de guerra portugueza existem mais as pequenas canhonheiras *Cacongo e Massabi*.

Estas canhoneiras são prefeitamente eguaes e foram feitas em Inglaterra na casa Laird Brothers de Liverpool, com destino ao serviço de Angola, onde estacionam.

Tem 219 toneladas cada uma, 36^{m} de comprimento, 5^{m},60 de bocca e 4^{m},10 de pontal, com uma machina da força nominal de 80 cavallos e effectiva de 380.

Todas d'aço, o seu armamento compõe-se de 2 peças raiadas de carregar pela culatra systema Canet de calibre 0,05, lançando granadas de balas, granadas ordinarias e lanternetas, tendo a peça de vante o alcance de 5,000 metros e a de ré 3:000.

Tem estes navios bons alojamentos, paioes e depositos de carvão, e são illuminados a luz electrica.

São, portanto dois navios perfeitamente modernos e dos melhores que na sua capacidade, possue a nossa marinha.

Devemos ainda mencionar as canhoneiras *Julio de Vilhena*[1], *Açôr*, *Tavira*, *Lagos*, e *Faro*, empregadas na fiscalisação aduaneira e o vapor *Mac Mahon*[2] e *Lidador* a que chamam rebocador, sem ter o caracteristico que tem estes vapores.

Varias canhoneiras de fundo chato, como a *Cassine*[3] fazendo serviço nas colonias.

Todos estes navios foram construidos em Inglaterra e alguns d'elles já eram velhos quando o Estado os adquiriu.

O ultimo navio adquirido para a marinha de guerra portugueza é a canhoneira *Limpopo*, que ha poucos dias entrou no Tejo depois de uma viagem trabalhosa de Londres a Lisboa, em que levou 37 dias, tendo arribado a Southampton e a Plymouth por duas vezes com avaria nos anteparos da cosinha, estay do traquete, panno e pharoes, o que tudo foi reparado n'aquelle porto.

Esta canhoneira foi construida nos estaleiros de Thaner Iron Works, de Blakwall Londres, e sendo uma construcção que aquella ou outra casa constructora faz em quatro a seis mezes, parece que foi encommendada já depois do *ultimatum* de 11 de janeiro!

Tem o comprimento de 42^{m},2, boca 0^{m},97, pontal 2^{m},97, e 2^{m},15 de calado na linha d'agua carregada com 288 toneladas. Tem duas machinas verticaes de triplice expansão de 530 cavallos indicados e uma caldeira de aço com duas fornalhas. Andamento em condições normaes 10'2 de média.

Apparelha com dois mastros que envergam duas latinas e um redondo no mastro da proa. N'este mastro tem o cesto de gavea armado para combate, sendo este o primeiro navio que temos com esta innovação.

Ainda não está artilhada, porém deve ser armada com um canhão de tiro rapido á proa, um canhão rewolver á ré e uma metralhadora Maxim no cesto de gavea de combate.

Tem camara do commandante á ré, camarinha, casa para banho, dispensa, praça d'armas com quatro camarotes, casa das machinas e caldeira, com exposição de carvão ás amuradas, porão de carga, e do navio, coberta com dois camarotes, uma dispensa para artilheria e botica. A meio navio tem a ponte com dois camarotes por baixo e todas as mais accommodações, incluindo ainda um guincho a vapor que pode tambem funccionar a braços. Tem duas baleeiras.

Uma nota curiosa: o panno que vimos n'este navio apresenta-se em tal estado, que ou elle soffreu muito na viagem que o envelheceu prematuramente, ou já não era novo quando o puzeram.

(Continúa)

Grumete.

[1] Vid. Vol 9.º do Occidente a pag 49.
[2] Vid. vol. 5 º do Occidente pag. 63 e 61.
[3] » » 12 º » » » » 116.
[4] » presente vol. pag. 27 e 28

AS NOSSAS GRAVURAS

EGREJA MATRIZ DE VILLA DO CONDE

Já em outro volume do Occidente[1] fallamos de Villa do Conde, formosa povoação que assenta na margem direita do Ave e a meio da qual se ergue o sumptuozo mosteiro de Santa Clara dominando toda a villa.

Hoje apresentamos aos nossos leitores uma vista da sua egreja matriz, reproduzida de uma bella photographia do destincto photographo amador sr. Claro Outeiro de quem temos reproduzido já outras excellentes photographias nas paginas do Occidente.

A egreja matriz de Villa do Conde é um soberbo edeficio, vasto e de custosa architectura manuelina, dos mais completos que se encontram ao norte do paiz.

Todo de cantaria de granito, tem uma frontaria muito trabalhada e, como a nossa gravura mostra, as suas paredes exteriores são todas rematadas por duas ordens de ameias graciosamente talhadas na pedra

E' de tres naves formadas por duas ordens de arcos que se prolongam pelo corpo da egreja. A capella mór é ricamente decorada e os altares lateraes são todos de talha dourada. Tem um côro magnifico onde se vê ainda uma guarnição de cadeiras de espáldar que foram da antiga collegiada.

O OVO DE TANTALO

Na extremidade inferior d'uma casca d'ovo introduzi por um furo um canudo de palha, recobri com metade da casca de uma avelã, a extremidade da palha que penetra no ovo, e que deve chegar mesmo ao fundo d'essa casca, sem lhe tocar. A extremidade inferior da palha atravessa uma rolha de cortiça que serve de supporte á casca e na qual se espetarão tres garfos formando tripé.

Depois de fazer tudo de modo que não deixe entrar a agua entre a palha e a casca deitam-se alguns pingos de cera derretida que servirá egualmente a colar a base do ovo sobre a rolha ligeiramente cavada em forma de cone. A figura á esquerda do nosso desenho indica exactamente o modo da construcção.

Collocae um copo por baixo do apparelho e tereis tudo apparelhado para ensaiar a experiencia conhecida nos gabinetes de physica sob o nome de *Vaso de tantalo* e que se baseia sobre a theoria da bomba. Vasae agua na casca d'ovo; esta agua sobe até ao alto da casca, n'este momento um brusco despejo d'agua se produz pelo canudo de palha para o copo e o ovo ficará vasio de toda a agua que continha. Se continuardes a vasar a agua da garrafa na casca do ovo parecerá que este se esvasia por despejo indeterminavel e periodico.

Podereis transformar este apparelho n'um passatempo divertido, collando á casca do ovo uma pequena saia e formando sobre a mesma casca um busto de boneca.

Então inclinando a cabeça da boneca sobre a extremidade superior do ovo, parecerá que aquella bebe toda a agua que estè contém, todas as vezes que o liquido chega a bocca da boneca.

UM PASSEIO PELO ESPAÇO

III

Outro phenomeno não menos curioso é sem duvida a diversa côr das estrellas, isto é, o apresentarem-se umas brancas, outras avermelhadas...

A que se deve essa côr? Depende unicamente da differença de estructura d'esses corpos, ou da existencia de differentes gazes na composição da atmosphera?

Será simplesmente um erro de optica?

Observa-se este phenomeno em muitos casos, entre os quaes podemos citar os seguintes: Eta *Cassiopeae* tem duas, uma de 4.ª amarella e outra de 7.ª purpura. Alpha *Piscium*, uma de 5.ª verde desmaiado e outra de 6.ª azul. Epsilon *Bootes*, uma de 3.ª amarello avermelhado e outra de 7.ª verde mar. Bêta *Cysne*, uma de 3.ª amarella e outra de 7.ª azul saphira. Sigma *Cassiopêa*, uma de 6.ª esverdeada e outra de 8.ª azul brilhante.

Sirio, *Regulo*, *Fomalhaut* e alpha *Ursa* menor (Polar) são brancas.

Aldebaran, *Antares*, *Betelgeuse*, *Pollux* e alpha *Orion*, são encarnadas.

Capella, *Regel*, *Procyon* e *Spica*, são azues.

Vega, *Altair* e *Deneb*, são verdes.

Arcturo é amarella.

Estas cores não são comtudo permanentes: Seneca e Ptolomeu dizem que *Sirio* era encarnada, e essa estrella agora apparece branca. Herscehl notou como brancas duas estrellas duplas que são formadas por duas, uma principal amarella, acompanhada de outra verde tirante a vermelho.

Supponhamos por um momento que em vez do branco manancial de luz que nos inunda, tivessemos um sol azul vivo: que mudança de decoração se verificaria na natureza! As flores perderiam em parte a sua luzente belleza; um dia differente appareceria debaixo dos céos: a rosada côr das faces escureceria; julgariamos envelhecer, e admirados perguntariamos a nós mesmos a causa de taes phenomenos.

Se em logar do nosso sol tivessemos dois, um encarnado brilhante e outro azul ferrete, a imaginação dos poetas e o capricho dos pintores creariam na sua phantasia um mundo mais original que esse?

Passemos a outra cousa: o scintillar ou scintillação da luz das estrellas.

Ao observarmos á primeira vista as mais bonitas estrellas, notamos n'ellas alterações rapidas no brilho da sua luz; á maneira das coruscações do brilhante, ora augmenta, ora deminue, ora ostenta uma côr, ora outra. Já vistes uma luz de arco voltaico? Observastes-lhe as intermittencias? Succede com as estrellas cousa parecida.

Este phenomeno não é devido á propria estrella; segundo Arago, é devido ao movimento vibratorio do ether, em razão das *demoras* differentes que os raios luminosos da estrella soffrem ao atravessar as camadas da atmosphera submettidas a continuas mudanças provenientes da pressão, grau de humidade e temperatura do ar. Depende pois da atmosphera, como o prova o facto de mal ser percebido no cimo dos montes mais elevados.

O movimento vibratorio augmenta do zenith para o horizonte, isto é, com a altura do astro e por conseguinte com a maior quantidade de atmosphera, sendo maior nos dias de calma que nos de ventanias, e maior tambem quando depois de um longo periodo de tempo secco se carrega de humidade a atmosphera. Obedece portanto á força depressiva d'esta.

Respeito á mudança de côr diremos que depende da ondulação aerea que faz que cheguem ao orgam visual successivamente os raios coloridos da estrella. Se este movimento é muito forte, pode até fazel-a desapparecer por um momento.

Francisco de Almeida.

[1] Vid. vol VI do Occidente pag. 219 e 220.

OS MEUS LIVROS

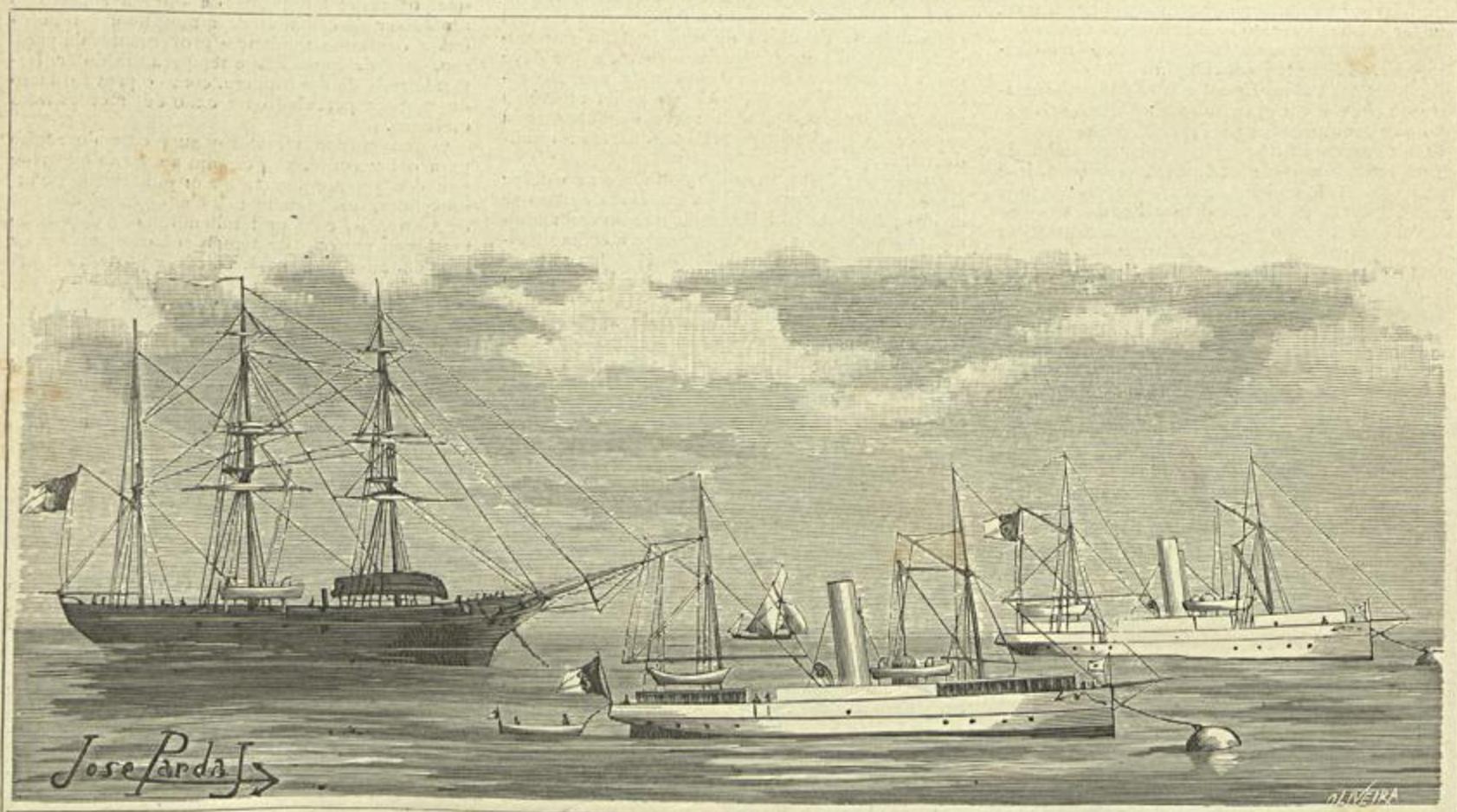
VIII

Deante das duas publicações que tenho agora sobre a minha secretaria devo lembrar a todos os meus compatriotas a grave situação da nossa querida patria.

Ai de mim! e pobres de nós todos! Os telegramma chegados do Cabo da Boa Esperança e de Lourenço Marques, datados, o primeiro de 3 e o segundo de 5 de dezembro corrente confirmam por completo tudo quanto temos dito!

De essa colonia ingleza, denominada Cidade do Cabo, o nosso glorioso Cabo da Boa Esperança, chega-nos noticia de que uma força portugueza de 300 homens sob o commando dos srs. Paiva de Andrada, João Rezende e Gouveia, apoderou-se no dia 8 de novembro do *Kraal* do regulo Mussa, apezar do protesto d'este arriou a bandeira ingleza que os agentes da companhia ingleza *South*

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

A NOVA CANHONEIRA «LIMPOPO»

CANHONEIRAS «CACONGO» E «MASSABI» Vide art.º Apontamentos sobre a Marinha deGuerra, etc.

(Desenhos de J. Pardal)

African ali tinham arvorado, e içou em logar d'ella a bandeira nacional. A *policia* armada da Companhia ingleza surprehendeu os portuguezes no dia 15 de novembro, prendeu o nosso querido explorador Paiva de Andrada e os seus companheiros, desarmou a força e tornou a arvorar a bandeira ingleza. O sr. João Rezende foi solto sob palavra, mas Paiva de Andrada e Gouveia foram enviados debaixo de prisão para o forte de Salysbury (um covil de piratas, quartel general da odiada *South African*). Ao mesmo tempo, felizmente, outra força portugueza invadio o territorio inglez e obrigou o regulo de Lomogunda, vassallo do terrivel Lobengula a içar a bandeira das quinas. Um *inglez* chegado no dia 2 a Lourenço Marques *conta* que o regulo Gungunhana enviou mensageiros offerecendo assignar uma concessão em maré, é o termo, como são o sr. Carlos de Mello, o meu querido Freitas e Costa e o bravo Victor Cordon.

Não desejo alarmar ninguem mas perante os factos a que estamos assistindo ha o direito de affirmar que é impossivel que, aqui, em Lisboa na propria capital do reino, se não trame contra a integridade da nossa querida Patria, do nosso amado Portugal! Pois admitte-se que sejamos sempre surprehendidos por attentados de esta ordem? !... Póde alguem acreditar que se as nossas auctoridades de Africa tivessem instrucções para resistir, para sustentar o nosso direito á nossa propriedade... se dessem estes factos? E não dão um passo?!...

Não ha a mais simples noticia de que se apercebam contra o ladrão invasor!!

— Região de Macomo de que é regulo Chipufiru.

— Terras do regulo Chirengua do Inhamaconde.

— Paiz do regulo Chôto na margem direita do Mufuli junto ao rio Sanhati.

— Terras de Mudjinga do regulo Massaracufa na margem direita do Sanhati

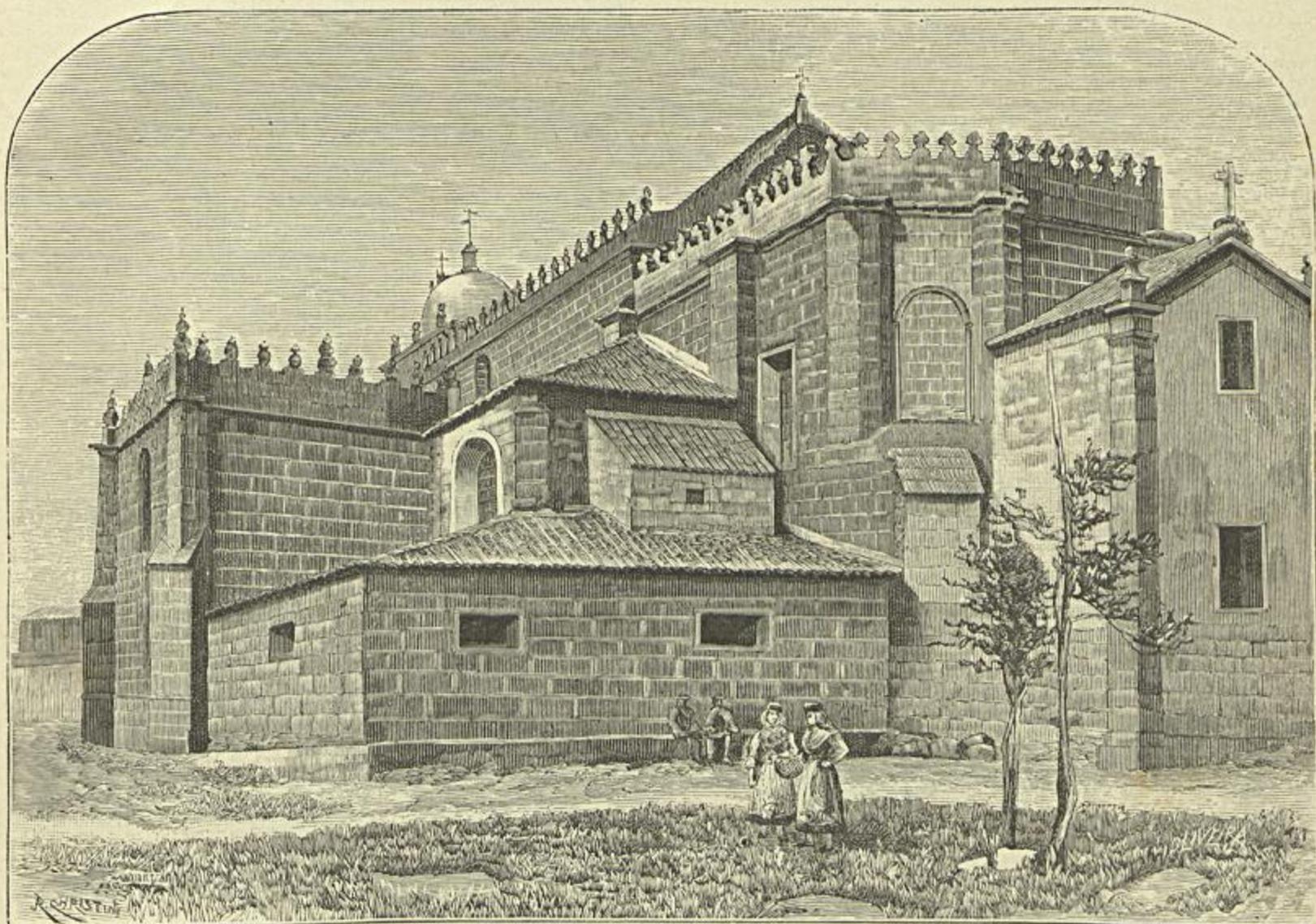
— Terras do regulo Massáua na margem direita do rio Ume ou Usme.

— Terras do regulo Inhapunga.

— Povos Batongas dos seguintes regulos: N'Mamba, Moie ou Monze, Lofua, Maze-ua-Tenta e Semunha.

— Povos Changue da rainha N'Lucula.

— Terras do regulo N'Mansa.

Como se vê são vastissimas regiões do sertão

EGREJA MATRIZ DE VILLA DO CONDE, VISTA DO LADO SUL.

(Segundo uma photographia do photographo amador sr. Claro Outeiro)

presença dos representantes portuguezes, acceitando o protectorado da *South African*.

O outro telegramma enviado para Lisboa de Lourenço Marques, dois dias depois do da cidade do Cabo, e dirigido ao sr. Antonio Ennes diz laconicamente o seguinte:

« O consul portuguez no Cabo da Boa Esperan-« ça communica que Rezende, Paiva de Andrada, « Gouveia e forças da Companhia de Moçambique « foram aprisionados pelos inglezes da *South* « *African*, que procedem á occupação de Manica.»

«*Governador*.»

* * *

E no nosso artigo anterior nós annunciavamos jubilosos o ensejo de podermos fustigar a infame Inglaterra com os trabalhos de Victor Cordon!

Triste! triste...

E ha ainda benemeritos que remam contra a Singular, muito singular semelhante procedimento!

* * *

Consolemos o nosso espirito, aquietemos o nosso pobre coração, citando dois livros de benemeritos que do mesmo modo que nós amam o pobre Portugal que ha mais de cincoenta annos só tem tido este triste destino: — sustentar ingratos!

O livro de Carlos de Mello intitula-se *A questão ingleza* e versa sob o tratado com a Inglaterra, publicando valiosos subsidios para historia e critica d'esta desgraçada negociação diplomatica. E' uma collecção de documentos importantissima.

Sobre os serviços de Victor Cordon, encontramos que avassallou e fez tratados com os seguintes potentados africanos de regiões que hoje, o inglez, devasta em proveito das quadrilhas civilisadoras:

de Moçambique que Victor Cordon avassallou para a nação portugueza.

A esta hora porém já deve estar todo este imperio nas mãos dos inglezes, fieis alliados dos nossos governos.

O sr. Carlos de Mello promette continuar a sua instructiva obra em outro volume.

* * *

A outra publicação é devida á penna festejada do inspirado poeta das *Filigranas*, o nosso velho amigo dr. Freitas e Costa.

E' uma carta ao sr. ministro da marinha a proposito de alguns melhoramentos e da fomentação agricola, commercial e industrial da provincia de Cabo Verde.

Systema Caboverdiano, denomina Freitas e Costa o seu trabalho.

Para que os leitores do OCCIDENTE façam uma

ideia do estyllo encantador, de Freitas e Costa, poderoso na descripção, suave na critica espirituosa dos factos e das pessoas, sempre elegante e sempre dominando-nos, vamos transcrever uns pequenos trechos.

A ilha do Fogo: — «Em dias claros avista-se da Praia, ao longe, no horisonte do mar, uma especie de chapeu de *pierrot* a topetar as nuvens. É o pico do Fogo com o seu annel saturniano de brumas e de neblinas eternas.»

«Nada mais encantador e melancholico do que esta ilha privilegiada e rica... de esperanças. Berço de uma raça activa e bohemia de homens resolutos instinctivamente nomadas e commerciantes por indole, a ilha do Fogo expatria-se com facilidade rara; mas tão exhuberante é a seiva do seu riquissimo solo que a deserção de tantos e tão indispensaveis braços mal parece affectal-a. E no entanto o maior cancro do Fogo é exactamente a emigração de seus filhos. Aquellas forças dispersas, disseminadas por todo o archipelago e Guiné, se vão, — como os judeus da edade media enriquecendo a Europa, — fertilisar com os productos da sua prodigiosa actividade o commercio ultramarino, tambem é certo que, abandonando a patria e com ella a agricultura, privam a sua ilha natal de preciosissimos recursos e trocam pelo bem estar ficticio, que emana das fluctuações do commercio, o repousado e mais seguro proveito do campo e da lavoura.»

E termina esta esplendida carta com a seguinte brilhante *saillie*:

«Não concluirei esta carta sem sollicitar por ultimo a attenção benevola e patriotica de vossa excellencia para as pescarias de coral de que aproveitam exclusivamente os italianos, vendendo depois aos joalheiros em Lisboa e Porto, como *oriundos de Veneza*, o coral *adriatico*... do Tarrafal e Maio.»

Ao nosso bondoso amigo, auctor de tão bellas paginas, enviamos a expressão do nosso agradecimento pela sua offerta e de admiração pelo desinteressado serviço que prestou aos nossos irmãos caboverdianos tornando conhecidos os thezouros d'aquelle formoso archipelago.

Quando aqui tratarmos, em artigo especial, de Cabo Verde, a Irlanda de Africa, referir nos-hemos mais largamente ao notavel trabalho de Freitas e Costa.

Manoel Barradas.

A COMEDIA DA VIDA

O ROMANCE D'UM AMANUENSE

XXVI

(Concluido do n.º antecedente)

A vespera do dia do casamento da Ignacinha com o Dominguinhos, chegou, como tudo chega n'este mundo, como até chega hoje o fim d'esta accidentada e veridica historia, que já parecia não o ter.

A vespera d'essa solemnidade chegou, e á noite, no terceiro andar da praça da Alegria, o tal terceiro andar cujo sitio marcava no ar no primeiro capitulo da nossa narrativa um homem gordo e baixo que dava o braço a uma senhora magra e alta, indicando ás filhas que o acompanhavam o logar que fôra berço dos seus ferteis amores, — juntaram-se, como de tempos immemoriaes é de praxe em vesperas d'esse sacramento augusto, todas as amigas de Ignacinha, entre as quaes figurava em primeiro logar a Alicesinha, a noiva de Quim Barradas, que d'ali a oito dias ia dar tambem o sacro nó.

A's 7 horas da noite começaram a chegar as visitas.

A familia Leitão tinha andado todo o dia n'uma trabalheira enorme a alastrar por cima de todas as cadeiras da sala o enxoval da noiva, enxoval que fôra arranjado á pressa, comprado quasi todo feito, porque o tempo não dera para mais, mas que ainda assim fazia honra á bizarria e aos pintos do pae de Ignacinha.

Ella, a noiva, escolheu a sua toilette mais simples para a sua ultima noite de donzella, procurára mesmo por uma mimosa lembrança que lhe suggerira sua mãe, muito pratica em casamentos por experiencia propria, dar á sua toilette o tom mais menineiro que poudesse, arranjar um ar bem infantil ao seu todo e para isso vestira o vestido mais curto que tinha, soltára pelas costas abaixo duas tranças rachiticas e arranjára uma variadissima collecção de boquinhas ingenuas para reportorio da sua expressão physionomica d'essa noite de vespera de nupcias.

O noivo, o Dominguinhos Pereira, pelo contrario tivera a idéa opposta, a de começar já de vespera a tomar todos os ares de homem serio, de chefe de familia, e n'essa orientação encaixara-se dentro d'uma longa sobrecasaca preta, que lhe dava o aspecto lugubre d'um agente de funeraes, entaipára o pescoço n'uns collarinhos muito altos, que lhe occultavam as orelhas quasi, e substituira gravemente o monoculo de janota por oculos fixos d'aro de ouro, que davam á sua cara, ainda quasi imberbe, um ar de pateta rico, que não destoava muito da realidade senão em elle não ser de uma riqueza por ahi além.

Os dois quando se viram ficaram embaçados e contrariados ante aquella prova evidente do bem que os seus espiritos se adivinhavam, da harmonia com que se casavam os seus modos de pensar!

E a Ignacinha olhando para o Dominguinhos, para o seu futuro marido, achou-o muito ridiculo, muito tolo na sua encadernação de homem serio; e o Dominguinhos ao olhar para a Ignacinha, a sua noiva, não poude deixar de a achar muito piegas, muito imbecil, muito camapheu, dentro da sua *toilette* infantil, na sua *pose* menineira.

— Se te visse assim no dia do fogo de vistas, disse com os seus botões o Dominguinhos, não era eu com certeza quem te arrastava a aza.

— Se no primeiro dia em que me fizeste a côrte viesses assim vestido, disse a Ignacinha tambem com os seus botões, para cá tinhas vindo de carrinho.

E foi n'estas disposições tão sympathicas, tão amaveis um para o outro, que aquelles noivos se apartaram na vespera do dia em que se deviam unir para todo o sempre!

A Alicesinha, a noiva do Quim, chegára precisamente n'esse momento, muito alegre, muito despretenciosa e muito bem vestida, com o seu radiante ar de noiva, acompanhada pelo Quim, que muito aceiado como andava sempre e muito resignado como estava desde o momento em que lhe tinham fallado em cadeia e em costa d'Africa, não deixava um momento a sua noiva.

A Alicesinha entrou, fallou a todos muito risonha, muito amavel, e depois sentou-se a um canto, com o seu Quim ao lado e toda a noite não fallou senão com elle, não olhou senão para elle, com grande escandalo da sr.ª Leitão, por ella não ter dado nenhuma attenção ao enxoval da Ignacinha e com grande inveja do Dominguinhos, que não tirava os olhos da Alice, comparando-a com a sua noiva, e dizendo em voz baixa a si proprio aquillo que por detraz d'elle todos pensavam em voz alta:

— Sempre fui muito pateta! sempre sou muito tolo!

O sr. Pereira, o pae do noivo, não compareceu n'essa noite na praça da Alegria pela simples rasão de não ter o que a praça tinha: — alegria.

Na lucta travada entre a Magdalena e S. José, tinha vencido este santo, isto é, tinha vencido o Leitão e familia.

No enlace de seu filho preponderára portanto o elemento feminino: as saias eram quem dictava a lei, e o sr. Pereira não pudera levar isso á paciencia.

Ainda tinha proposto um alvitre: — não vencer nem a sua Magdalena nem o S. José e escolher-se uma egreja neutra para se realizar o consorcio.

Os belligerantes da praça da Alegria não tinham acceitado a proposta, allegando que era uma tolice que sahia muito cara, porque um casamento fóra da freguezia importava n'um rôr de dinheiro.

O Pereira insistiu.

O Leitão então cedeu com uma condição: — o Pereira pagar á sua custa a differença de preço.

Então o Pereira deu-se por vencido, que não por convencido e retirou-se dignamente, declarando que se não fazia com que o seu consentimento fizesse o mesmo que elle, isto é: — retirar-se — era unicamente para não despedaçar o coração do seu filho, para não dilacerar o seu porvir, para não lançar sobre o seu primeiro casamento um escandalo publico, que podesse prejudicar quaesquer casamentos futuros, que por ventura fosse chamado a contrahir.

O motivo da ausencia do sr. Pereira na vespera do casamento do Dominguinhos em casa de Leitão era unicamente este.

Sua esposa que não fizera questão ministerial do caso, essa appareceu em casa da sua futura nora, não muito risonha todavia, não muito corrente, mas appareceu.

A noite passou sem incidentes notaveis, a não ser o calor apaixonado de Alicesinha pelo Quim, que deu nas vistas de todos, e a frieza muito sensivel do Dominguinhos pela Ignacinha que tambem nas vistas de quasi todos deu.

A's 11 horas os convivas retiraram se.

Os noivos precisavam deitar-se cedo, para no dia immediato cedo se levantarem para a ceremonia.

O casamento estava marcado para as 10 horas em S. José, e ás 10 horas a egreja estava cheia de amigos das familias dos dois conjuges e dos mirones, que em materia de casamento nunca perdem pitada.

A noiva foi d'uma pontualidade de chronometro.

A primeira badalada das 10 horas a dar no relogio da sachristia e a noiva a apear-se no adro da egreja, a ultima badalada a soar e a noiva a pôr o seu sapato de setim branco na porta do templo.

Quando ella entrou, houve o borborinho do estylo.

Todos quizeram ver a noiva, que no fim de contas não valia muito esses incommodos.

A Ignacinha nunca parecera bonita, mas na sua toilette virginal de noiva, estava realmente um monstrosinho.

A sua cara muito trigueira coberta com o veu branco parecia uma posta de carne cosida embrulhada n'um guardanapo muito no fio.

Ella entrou, commovida, ingenua, de olhos no chão e seio offegante e ajoelhou em frente da capella do Santissimo.

Fez a sua oração e deixou-se ficar de joelhos á espera do noivo.

Passou se um quarto de hora, meia hora e nada de novo, e nada de noivo.

A Ignacinha começou a fartar-se de esperar e a fartar se de estar de joelhos.

A mãe muito zangada já com aquella demora, que achava menos delicada, auctorisou-a a pôr-se de pé.

Passou outra meia hora, e de noivo nada.

A mãe sentou-se, a noiva sentou-se, os convidados sentaram-se.

Outra meia hora.

Então puzeram-se todos de pé.

— O que queria dizer aquillo? perguntaram todos olhando uns para os outros.

Quando era perto de meio dia, e o Leitão se preparava já para ir a casa do Pereira saber a explicação d'aquelle insolito procedimento, o Pereira, pae do noivo, despontava no guardavento offegante, vermelho, coberto de suor.

A familia da noiva e os convidados lançaram-se a elle como uma matilha de perdigueiros sobre uma perdiz que cae.

— Então o noivo? o noivo? perguntaram de todos os lados.

— O noivo não pode vir! disse por fim o sr. Pereira.

— Não pode vir? Repetiram todos assombrados.

— Ora essa! não pode vir, porque? perguntou petulante e aggressivo o sr. Leitão, avançando para o futuro sogro de sua filha.

— Não pode vir, porque quebrou uma perna.

— Quebrou uma perna! repetiram todos contristados.

— Desmaia, desmaia, ordenou em voz baixa a sr.ª Leitão a sua filha.

— Mas como quebrou elle a perna? Ora que massada! disse a Ignacinha pouco disposta a desmaiar.

— Desmaia, que logo o saberás. Desmaia já, não ouves, menina? ordenou a mãe de Ignacinha já começando a mostarda a chegar-lhe ao nariz.

A Ignacinha então não teve remedio senão obedecer, e desmaiou.

Em torno d'ella fez-se logo um grande grupo; a noiva foi levada em charolla para o trem e a multidão dispersou commentando o desastre acontecido ao noivo, emquanto a Alice se ria maliciosamente com o Quim da desgraça acontecida ao Dominguinhos, ao passo que o sr. Leitão vendo que não podia bater no Pereira por ter o filho partido a perna, resmungava com mau humor:

— Que idéa tão tola! Quem é que se lembra de quebrar as pernas no dia do casamento!

XXVII

Nunca se soube ao certo se a quebradella da tibia do Dominguinhos foi verdadeira ou fingida. Fingida ou verdadeira aguentou-se 60 dias de cama, e ao cabo d'elles levantou-se lepido e agil sem nenhum defeito, sem o mais leve coxear sequer.

Entretanto, se foi a fingir, o fingimento de nada lhe valeu, porque a familia do Leitão não se lhe tirou da porta durante esses 60 dias. A menina Ignacinha velou á sua cabeceira como a mais dedicada irmã de caridade, e o Dominguinhos ao sair pela primeira vez não teve remedio senão sair para a egreja.

D'esta vez, porém, o casamento realisou-se na Magdalena. Triumphou o Pereira, e o Leitão não quiz fazer questão, cedeu, porque preferiu isso a

passar por segunda vergonhaça de estar á espera do noivo, e o noivo mettido no quente com a tibia partida O casamento realisou-se: o Quim e a Alicesinha assistiram a elle já casados, em plena lua de mel.

Apesar porém da lua cheia de felecidade em que viviam, o Quim quando viu o padre unir as mãos do Dominguinhos e da Ignacinha, disse com os seus botões:

—Coitado! da primeira vez foi mais feliz!

FIM

Gervasio Lobato.

NOVIDADES DA SCIENCIA

Temperatura das camadas adjacentes de ar e de terreno. — A academia real das sciencias de Copenhague acaba de pôr a concurso a seguinte questão:

A temperatura das camadas superiores do terreno e das camadas do ar, actuando directamente sobre o solo tem até hoje sido objecto de estudos scientificos sem resultados satisfatorios.

Sabe-se que a natureza e o grau de humidade do solo, a vegetação que a cobre, a forma de terreno, conjuntamente com as condições meteorologicas, podem occasionar anomalias de temperatura puramente locaes, de modo que as localidades visinhas umas das outras pódem, a este respeito, apresentar differenças relativamente grandes.

O conhecimento exacto d'estas anomalias e das condições nas quaes ellas se dão e reproduzem não é só de grande importancia para a agricultura mas de interesse para a sciencia.

A academia propõe um premio podendo attingir a 600 *corôas* (145$000 réis) para o trabalho, baseado em investigações pessoaes que faça conhecer a temperatura das camadas superiores do terreno e das camadas de ar que repousam directamente sobre o solo nas estações convenientemente escolhidas *no paiz*, e em uma situação tal quando se produzam temperaturas anormaes.

O prazo concedido para a remessa de memorias finda em 31 de outubro de 1892.

Convém notar que esse concurso é na Dinamarca, mas nota um jornal scientifico belga que essas pesquizas poderiam muito bem ser effectuadas em outros paizes, e lembra essa questão aos diversos institutos, laboratorios, escolas e outros estabelecimentos modelos de agricultura e de horticultura.

Até onde irá parar uma bala? — A propulsão dos projecteis está de novo occupando as geraes attenções, na arte da guerra.

O sabio M. Vieille fez conhecer uma nova polvora reunindo ás mais altas vantagens effeitos inesperados, isto é, juntando a um poder consideravel uma deflagração lenta e á estabilidade o beneficio de explosir frouxamente, quasi sem ruido, e produzir pouco fumo, invisivel a alguma distancia, não escandecer a arma nem produzir gaz incommodo ou delecterio.

Está pois resolvido o problema dos povos guerreiros: o invento da polvora sem fumo.

Parece que com a polvora de Mr. Vieille a questão dos explosivos da guerra deu a sua ultima palavra... pelo menos por muito tempo.

Pois não é assim.

Mr. Paul Giffrd acaba de provar com um novo invento, que o uso da polvora pode ser supprimido.

Mr. Gifford substitue a polvora por um gaz liquifeito. Esse gaz é contido em um pequeno reservatorio que se fixa sobre a arma. Uma valvula obedecendo á pressão abre se e deixa escapar uma gôta do liquido miraculoso, que cae na camara collocada por detraz do projectil, balla ou carga de chumbo, e o gaz tendendo a retomar o seu volume normal, exerce um poder de projecção consideravel

Na espingarda apresentada pelo inventor ao tribunal do commercio de Saint Etienne, o reservatorio, de aço, contem 100 grammas de liquido. Um terço de gramma basta para cada tiro. Está calculado que o dito reservatorio poderá conter liquido para 300 tiros, e um só cartuxo de reserva pode servir para 600 tiros.

Depois de cada tiro introduz-se pelo lado da arma a bala, ou carga, mas parece que o auctor da arma procura effectivar este serviço por meio d'um machinismo de repetição, o que não lhe será difficil.

Por esse processo o cano da arma fica sempre limpo e não aquece, como acontece pelos outros processos até hoje empregados.

Não se torna necessario o emprego do envelope para protecção da mão; as emanações longe de serem nocivas, apresentam cheiro agradavel; não ha a congelação do vapor d'agua do ar ante a espingarda, vapor que é costume produzir-se a cada descarga e que dá nascença a uma pequenina nuvem de neve.

Quanto á facilidade de poder atirar 300 ou 600 tiros, qual o atirador que para gosar d'essa vantagem quer carregar com oito ou nove kilos de balas e chumbo?

Mr. Paul Gifford teve por premio d'esta invenção 10:000 francos e a medalha de ouro.

Além d'isso falla-se em que o inventor vendeu á Inglaterra e á America do Norte o seu invento pela somma de 10 milhões de francos, pelo que respeita á sua applicação ás armas de caça, porque pelo que respeita ás armas de guerra, e que tem de soffrer ainda modificações, Mr. Gifford reserva o segredo para a França.

S. P.

REVISTA POLITICA

A gravidade das noticias que chegam da Africa Oriental, trazidas pelos ultimos telegrammas, são o acontecimento mais importante para a politica portugueza, que ofusca o mais de que haveria a falar n'estes ultimos dias.

Esses telegrammas affirmativos da má fé com que os inglezes fazem contractos com quem presumem não ter a força necessaria para lh'os fazer respeitar, inquietou verdadeiramente os animos, que de resto não devia surprehender.

Os telegrammas communicavam que os inglezes tinham arvorado a sua bandeira nos dominios portuguezes de Manica, dominios reconhecidos no famoso *modus vivendi* e sobre que se sustara toda a acção.

Paiva de Andrada, Rezende e Manuel Antonio de Sousa, tinham surprehendido esta gentileza dos inglezes, e fizeram arriar a bandeira dos bretões e içar a das quinas.

Mas os bretões incistiram no seu criminoso intento e encontrando os nossos desprevenidos de forças, voltaram a içar a bandeira encarnada e prenderam Paiva de Andrada, Rezende e Sousa, mettendo-os no forte Salysbury, porque os inglezes tambem já por lá tem as suas fortificações, talvez construidas sobre as arruinadas fortificações feitas por aquelles que elles hoje tão cynicamente estão roubando.

Talvez que notem o nós aqui fallarmos simplesmente em inglezes, em logar de nos referirmos á *South African* auctora do attentado que acaba de ser praticado, mas muito de proposito o fazemos, porque a *South African* á qual se acham ligados os interesses do duque de Fife genro da rainha de Inglaterra, não passa de uma entidade á sombra da qual o governo inglez com toda a hypocrisia que o distingue, pratica em Africa o que muito bem lhe parece aos seus interesses, sem assumir a responsabilidade dos seus actos immediata e inteiramente.

Pois muito bem, se o governo inglez não quer tomar a responsabilidade do que pratica o *South African*, isso nos convém muito, porque nos põe á vontade para darmos caça á tal *South African*, como a um bando de salteadores que infesta a nossa Africa, e a Inglaterra honrada e seria, a pudibunda Albion correcta e engravatada deve applaudir e até ajudar-nos a livrar a Africa d'estes ladrões que deshonram a sua patria.

Mas não succederá assim e não succederá muito principalmente se nos detivermos ainda d'esta vez em considerações e nos entretermos com os embustes do gabinete de S. James.

Basta de hesitações.

Quanto mais esperarmos, mais teremos que desbravar depois, sob pena de perdermos tudo até a propria honra, e para que não nos enojemos mais a fazer contratos a quem falta a elles com o mais revoltante cynismo, entremos no caminho pratico, com quem tão *pratico* é, e talvez as coisas mudem de face, como já teriam mudado ha muito se então tivessemos seguido o caminho direito.

Assim parece que será em vista da attitude que a opinião publica apresenta e em vista do procedimento do governo concorde com essa opinião publica.

Fóra a politica é já o brado que se solta na imprensa, e que esse brado se torne effectivo e pratico é o que sinceramente todos os portuguezes devem desejar e para elle concorrer.

Os telegrammas mais recentes ja dão noticia que os prisioneiros foram soltos, em virtude da reclamação do governo portuguez, mas o governo inglez procura, conforme o seu costume, não dar immediatas explicações sobre o acontecido, parecendo querer dar razão ao telegramma que dizia que os nossos é que tinham provocado o conflicto, dizendo mais, que o mesmo se dera fóra dos nossos dominios.

Mas este telegramma acha-se desmentido por outro enviado pelo governador de Moçambique, e o inglez o que quer é ganhar tempo e entreter a nossa boa fé, que aliás nunca devia existir para o bretão, que sempre nos tem expoliado atravez dos seculos.

O que ora acontece não é mais do que o inglez disse quando se repudiou o celebre tratado de 20 de agosto, de que não nos deveriamos surprehender com a consumação dos factos.

E é com um povo assim que nós temos ainda allianças e que nos ainda contratamos?!

E' preciso que tenhamos descido muito para chegarmos a tão baixo, e como por este descer é impossivel o não nos afundarmos completamente, é indispensavel sacudir fóra o verdugo, antes que elle nos sugue a ultima gotta de sangue.

E' esta a disposição em que se encontra o espirito publico; só resta saber se tambem é esta a disposição em que se encontra o governo, para dirigir, com a prudencia e firmeza que convem, a corrente de resistencia contra a Inglaterra.

No momento que escrevemos estas linhas, outro facto que se prende com a politica portugueza occorre em Lisboa.

E' a chegada do sr. Marianno de Carvalho que vem da Africa Oriental.

As manifestações feitas a este estadista portuguez demonstram bem o quanto é varia a sorte no mundo da politica.

Sua excellencia ao ver-se assim victoriado, deve ter philosophado largamente com os seus botões, e apesar da n'essas manifestações ter encontrado a grande maioria dos seus amigos, dos seus correligionarios, ainda assim ellas devem n'o ter compensado dos desgostos da sua vida politica e mostrado que a sua individualidade é hoje, mais do que nunca, uma esperança para o seu paiz.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Regresso de Marianno de Carvalho. — Chegou hontem a Lisboa, da sua viagem á Africa oriental, o sr. Marianno de Carvalho, ministro de estado honorario e lente de mathematica na Escola Polytechnica.

Veio a bordo do vapor *Malange*, que entrou no Tejo de manhã cedo.

O illustre estadista teve uma recepção brilhante, que recordou a recepção feita em Lisboa a Capello e Ivens, quando regressaram da sua viagem em 1885.

Cerca de 4:000 pessoas foram em vapores ao encontro do *Malange*, que fundeara em Paço d'Arcos. Eram uns 18 esses vapores, entre os quaes se contava o *Funchal, Victoria, Caçador, Henrique, D. Luiz, Relampago, Cabinda, Marianno de Carvalho, Lusitano, Voador, Remus, Conductor, Colombo*, etc.

O vapor *Lusitano* conduzia a commissão dos festejos e mais convidados e pessoas que adheriram ás manifestações e que occupavam os outros vapores, além de grande numero de pequenos barcos. O dia estava ameno e o Tejo apresentava um aspecto festivo a que está pouco habituado.

A's 11 horas menos um quarto tinham-se reunido todos os barcos em Paço d'Arcos e o *Malange* seguia rio acima comboiado pela numerosa flotilha.

O sr. Marianno de Carvalho á popa do *Malange* agradecia as saudações que lhe dirigiam de bordo do *Lusitano* e do *Funchal* que seguiam mais proximos, e de todos os barcos se levantavam vivas ao notavel homem politico que regressava á patria, onde era esperado com anciedade.

A maior parte dos vapores traziam musica a bordo, incluindo o *Lusitano* aonde tocava a banda da guarda municipal. Uma fuzilaria constante de foguetes atroava os ares com os seus repetidos estalos.

Quando o *Malange* chegou defronte do Arsenal partiu d'este uma galeota a 24 remos, conduzindo o sr. Antonio Ennes, ministro da marinha, que foi

a bordo d'aquelle vapor buscar o sr. Marianno de Carvalho.

Em terra a multidão que se apinhava nas immediações do desembarque era enorme e essa mesma multidão junto ás pessoas que desembarcaram seguiu a carroagem do sr. Marianno de Carvalho até ao ministerio do reino, onde sua excellencia entrou para descançar, saindo depois por uma das portas trazeiras, tomou logar no seu *landeau* com sua esposa e dirigiu-se para casa sendo acompanhado por muitos amigos e admiradores em trens até á rua Formosa.

Academia Real das Sciencias. — Reunio na noite de 4 do corrente a assembléa geral da Academia, presidindo o sr. dr. Silva Amado na ausencia do sr. Conselheiro Thomaz Ribeiro. Compareceram á sessão os socios effectivos srs. dr. Thomaz de Carvalho, conselheiro Pinheiro Chagas, Nery Delgado, Motta Pegado, Gaspar Gomes, Schiappa Monteiro, Teixeira de Aragão, Pina Vidal, Theophilo Braga, Silveira da Motta, José Basto, Jayme Moniz, e os correspondentes srs. Virgilio Machado, Marrecas Ferreira, Conde de Valenças, José de Freitas, Azevedo Perry, Alfredo Luiz Lopes, Brito Aranha, Nicolau de Goyri, Alvaro de Azevedo, Silva Mattos e Vasconcellos Abreu.

Antes da ordem da noite, que era as eleições, o sr. dr. Thomaz de Carvalho propôz que se lançasse na acta um voto de sentimento pela morte do socio effectivo o sr. Vilhena Barbosa, e fez em breves e sentidas palavras o elogio do finado, que tão importantes serviços prestou á Academia.

Procedendo-se ás eleições para os cargos Academicos no futuro anno de 1891, ficaram eleitos os seguintes socios:

Vice-presidente, José da Ponte Horta; *Secretario geral*, Latino Coelho, por acclamação; *Thesoureiro*, Teixeira de Aragão; *Inspector da Bibliotheca*, Silveira da Motta; *Commissão revisora de contas*, Gaspar Gomes e Silveira da Motta.

Foi approvado por unanimidade um voto de louvor ao socio sr. Motta Pegado pela maneira como desempenhou o cargo de thesoureiro da Academia durante os annos que o exerceu.

Exposição de Esculpturas. — O sr. Teixeira Lopes esculptor portuense, de quem temos já publicado, no Occidente a reproducção de algumas de suas obras incluindo um dos seus ultimos trabalhos *Caim*, acaba de realisar no pateo nobre do palacio da Bolsa do Porto, uma exposição dos seus trabalhos, que tem chamado a attenção do publico portuense. A respeito d'esta exposição encontramos no jornal *O Primeiro de Janeiro*, uma carta do sr. Michelangelo Soá, artista italiano residente n'aquella cidade, extremamente lisonjeira para o nosso compatriota e que gostosamente transcrevemos, para honra da arte nacional:

«Acabo de visitar os trabalhos de esculptura devidos ao sr. Antonio Teixeira Lopes e que se acham actualmente expostos no edificio da Bolsa.

Creio poder affirmar que o auctor d'esses trabalhos, verdadeiras condensações da sua alma, esculpidos com um amor de intensidade extrema, é um dos talentos artisticos mais brilhantes que em Portugal se vão manifestando.

Revela uma força de concepção notavel e um vigoroso pulso de executante escrupuloso e delicado.

O seu baixo-relevo, feito em Paris ha cinco annos para um concurso da Escóla, á parte alguns pequenos defeitos de anatomia, impossiveis de evitar a um principiante, revela já as qualidades de primeira ordem, que deixamos assignaladas.

Entre a grande quantidade de trabalhos admiraveis que o sr. Teixeira Lopes apresenta, vi que os retratos dos srs. Lopes Trovão e conde de S. Bento, o busto *Creança Napolitana* e a estatua *A viuva* são verdadeiramente o testemunho d'um poder artistico pouco vulgar.

O seu modo de interpretar o verdadeiro, e a maneira larga e simples de que se vale para desdobrar o seu sentir, dão a conhecer haver-se inspirado especialmente nos baixos-relevos do Parthenon, trabalhos que são e serão sempre a mais fina educação artistica, não só para a esculptura, mas ainda para a pintura.

A estatua *A viuva*, seu ultimo trabalho, como expressão e justeza de proporções, assim como a *Creança*, é sem duvida a mais potente e o que mais apreciavel se mostra debaixo do ponto de vista estetico.

Só este bastaria para fazer a reputação do vigoroso artista.

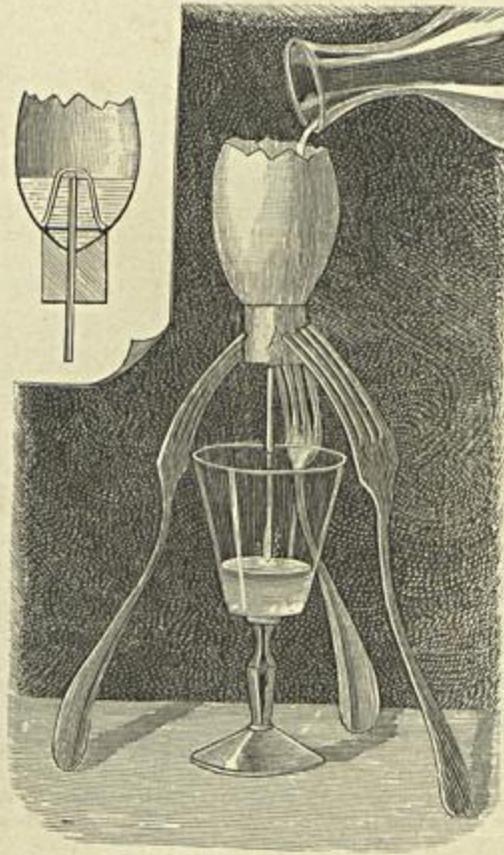
A viva impressão que experimentei recebe-ram-n'a, por certo, todos aquelles que tiveram o prazer de admirar os trabalhos do sr. Teixeira Lopes, que será uma das glorias portuguezas.

Eis mui resumidamente a minha interpretação artistica d'aquelles trabalhos, feita segundo as minhas debeis forças e apoucados conhecimentos, adquiridos á custa de muito estudo e com a convivencia que tive com alguns artistas notaveis durante a minha residencia na Italia.

Não foi a ideia de fazer uma critica que me levou a traçar estas linhas, mas sim a de incitamento e louvor ao talentoso artista, que tão exhuberantemente acaba de se manifestar. Porto, 4 de dezembro.»

A cura da tysica pelo dr. Kock — Na intenção de pôr os nossos leitores ao corrente dos progressos que vae fazendo a prodigiosa descoberta do dr. Kock, que tanto interessa toda a humanidade, publicamos as seguintes noticias que vão chegando do estrangeiro:

Em Madrid já se organisou uma commissão de medicos para dar principio ao tratamento segundo aquella descoberta, no hospital da Princeza, estabelecendo as seguintes bases:

1.ª Não submetter a tratamento senão enfermos em quem o microscopio confirme a existencia da tuberculose.

O VASO DE TANTALO

2.ª Dividir o numero material de que dispõem em 4 grupos *(a)* tuberculose da pelle e vias lymphaticas; *(b)* idem das serosas e mucosas; *(c)* idem das viceras; *(d)* idem dos ossos e articulações.

3.ª Eleger de cada um d'esses grupos tres doentes, ou seis; typo approximado, cada um dos tres estados: inicial, médio e avançado; em que mais ou menos artificialmente se pôde classificar a tuberculose.

4.ª Estabelecer contra-provas.

O tratamento da tysica pelo processo do dr. Kock foi inaugurado no dia 2 de novembro em Paris no hospital Laennec sob a direcção do professor Cornil.

Estamos habilitados a dar ao leitor alguns promenores d'estas experiencias. O dr. Cornil escolheu seis tuberculosos considerados na cathegoria das lesões bacillares.

Um d'elles soffre de arthrite tuberculosa no pulso; outro, de tuberculose no prostato; dois de lupus facial; os dois ultimos denunciam manifestações bacillares dos pulmões.

As inoculações foram feitas diante dos estudantes com a dóse minima, isto é, um milligramma do principio activo, convenientemete diluido.

Todos os doentes em questão foram prevenidos do tratamento a que iam ser submettidos. Nenhum se oppoz

As observações do seu estado transacto foram feitas com o maximo cuidado de maneira que se verifiquem os resultados que se obtenham.

A injecção foi applicada como a applica o dr. Kock — entre as duas omoplatas. Não se assigna lou nenhuma dôr particular com a picada. Os doentes queixam-se simplesmente da curiosidade de que são alvo.

Nas seis horas que se seguiram á injecção não se notaram grandes modificações locaes ou geraes. Os primeiros symptomas que appareceram foi ao nivel das nodoas do lupus, vermelhidão, tumefacção — ta! qual como com as observações allemãs.

Os medicos esperam conhecer em pouco o bastante para terem uma idéa exacta do systema Kock. Dizem de Munich que uma sociedade anonyma comprou um palacio — o palacio de Gumpunberg — que será transformado em *sanitarium* systema Kock.

No hospital Bichat em Paris, foram tentadas experiencias em tuberculosos. Estas experiencias vão ser recomeçadas porque os doentes não sentiram nenhuma reacção. O emprego que se fez da lympha foi fóra das prescripções do doutor Kock. Pasteur enviou os dois frascos, que recebeu de Kock, á Assistencia Publica recommendando a applicação nos hospitaes de Paris. O sr. Gossler, ministro da Instrucção Publica da Allemanha, respondeu no parlamento prussiano a uma interpellação do dr. Graf.

O ministro declarou que as calumnias espalhadas contra o dr. Kock são destituidas de fundamento. E accrescentou que o ministro da Fazenda porá á disposição do dr. Kock as sommas que forem precisas.

Espera o ministro, diz elle ainda, que o remedio possa ser empregado para combater outras doenças, e que venha a ser accessivel á bolsa dos pobres. O estado trabalha para que um dia o remedio seja sua propriedade. Se o governo allemão comprar o invento de Kock todos os paizes serão convidados a enviarem delegados que estudem o remedio e o vulgarisem.

O ministro communicou á camara que um personagem deu um milhão de marcos para os tisicos indigentes.

O governo portuguez convidou o sr. dr. Sousa Martins a ir á Allemanha estudar a descoberta do dr. Kock, mas o illustre professor não acceitou o convite e indigitou o sr. dr. Pestana.

Do Porto vae o sr. dr. José Rodrigues Leal de Faria, assistir ás applicações do remedio do dr. Kock e um facultativo por conta do Real Hospital de Santo Antonio.

Fallecimento. — Depois de uma longa doença falleceu, no dia 5 do corrente, o professor jubilado de gravura em madeira da Academia de Bellas Artes de Lisboa, o sr. João Pedroso Gomes da Silva.

Foi o sr. Pedroso um dos primeiros artistas que cultivou a gravura em madeira no nosso paiz, encontrando-se os seus primeiros trabalhos no *Ramalhete*, publicação litteraria que sahiu á luz por 1837 a 1839. N'aquelle periodico veem-se gravuras feitas por este artista representando navios, especialidade muito da feição do sr. Pedroso, que tambem foi um pintor muito apreciavel de marinhas.

As melhores gravuras do sr. Pedroso encontram-se no *Archivo Pittoresco* e no *Album de Gravura em Madeira em Portugal* publicado por este artista, nos annos de 1872 a 1880.

O sr. Pedroso deixa obras suas em quasi todas as publicações illustradas que se tem feito em Portugal, e o Occidente é uma das publicações que elle honrou com a sua collaboração artistica.

O sr. Pedroso era empregado no antigo Contracto do Tabaco, e quando este acabou, os seus empregados foram, como se sabe, adidos para varias repartições do Estado.

Por essa occasião, como o sr. Pedroso cultivava a gravura em madeira, requereu para ir reger na Academia de Bellas Artes de Lisboa, uma aula de gravura — que para esse fim se criou — mediante o ordenado que tinha no Contracto do Tabaco e a gratificação de dez mil réis por mez.

Com a ultima reforma que houve na Academia, a cadeira de gravura entrou definitivamente no quadro ordinario das aulas da mesma Academia, e o professor de gravura entrou na categoria dos professores das outras cadeiras, com o respectivo vencimento

Em 1884 o sr. Pedroso adoeceu gravemente, doença que se prolongou, sendo jubilado ha dois annos.

Typ. e lyth. de Adolpho, Modesto & C.ª
Rua Nova do Loureiro 25 a 43